



Janaína Fernandes
Lemuel Gandara

Sobras

do mundo

 **Atena**
Editora
Ano 2023



Janaína Fernandes
Lemuel Gandara

Sobras

do mundo

 **Atena**
Editora
Ano 2023

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Ellen Andressa Kubisty

Luiza Alves Batista

Nataly Evilin Gayde

Thamires Camili Gayde

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Diagramação: Ellen Andressa Kubisty
Correção: Soellen de Britto
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Autores: Janaína Fernandes
 Lemuel Gandara

| Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) | |
|---|--|
| F363 | <p>Fernandes, Janaína Sobras do mundo / Janaína Fernandes, Lemuel Gandara. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-2054-5 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.545232311</p> <p>1. Conto. 2. Literatura brasileira. I. Fernandes, Janaína. II. Gandara, Lemuel. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 869.93</p> |
| Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166 | |

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná – Brasil
 Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Abrir este livro é como abrir uma larga janela para o jardim, para a mata, para um passado de ancestralidade que deixa um lufar de brisa leve e fresca tocar a pele e perfumar as narinas. Eis a força e a beleza da simbiose entre palavras e imagens que dialogam em uma poética sobre - como escreve Robert Frost - a necessidade de ser versado e versada nas coisas da natureza. *Sobras do mundo* é um bioma no qual brotam palavras do outro, dos seres que não humanos, e suas sintaxes semeadas em uma terra desejosa de novas percepções sobre o mundo e sobre nós. É também um movimento de amadurecimento e alerta sobre nossas ações no planeta, o qual é interpretado por belas e enigmáticas pinturas de Lemuel Gandara e pelas sinestésicas palavras de Janaína Fernandes.

Em quatro atos, *Sobras do mundo* parece propor, justamente, que o mundo não seja apenas sobras, que não torne-se uma sombra distópica projetando-se em todas as espécies que compartilham a mesma casa, Gaia, Abya yala, de dentro e de fora de nós, e entre as ciências formais e as da ancestralidade. Sua narrativa segue por formas particulares de se contar histórias; a do descentramento do olhar humano é uma delas, nos fazendo perceber o mundo pelo sentido dos insetos, das águas, das árvores, do vento, do som. Outra particularidade é que em sua trama não há a figura do herói ou da heroína, em violentas e épicas ações catárticas e individuais. Há sim, um movimento épico diferente: o da existência e o da sobrevivência coletiva em meio ao vandalismo do progresso e do “crescimento” econômico da humanidade, às custas de vidas e de seres que habitam o planeta.

O primeiro ato inicia-se com uma sublime ambientação em uma natureza pulsante e prenhe de vida e abundância. Intitulado “Somos”, o que percebemos logo de início é a pintura “Inação”, a qual nos convida ao enraizamento, aninhando o primeiro texto, intitulado “Rastros”. Com tons terrosos e sutis rachaduras sobre a superfície, a imagem criada por Gandara, além de nos trazer para dentro da terra, nos faz sentir como em um útero (ou o que podemos imaginar dessa sensação). A inação, nesse sentido, sugere que isso é apenas o princípio para uma bela descoberta; que, como brotos, estamos prestes a irromper a terra e receber os primeiros toques dos raios de sol, algo que o texto que segue logo nos faz entender. As imagens (pictórica e textual), a partir daí, fazem florescer em nossas leituras um sentimento de ternura e esperança de um futuro não esquadrinhado pelo progresso, mas orgânico. Daí a segunda cena desse ato ser intitulada “Roça”.

Não à toa, a vida que irrompe a terra, em “Roça”, é a mesma que ambienta a passagem de insetos e o cheiro de terra molhada nos dedos que colhem batatas e traz as sobras da terra sob as unhas. Neste lugar, o visgo da teia de aranha tenta, em vão, agarrar os sentidos, mas estes já estão nas asas de alguma borboleta

que é descrita em meio a orquestra sonora de besouros, pássaros e abelhas. As provocações sinestésicas no ato da leitura transcendem a imaginação, quando lemos “E o besouro que já era tanto, tornou-se mais”. Nessa passagem, a qual faz parte da última cena do Ato I, “Banalidades”, há uma metamorfose que acompanha as sintaxes visuais, textuais e sonoras, efeito este criado pela expressão estética dessa poética idílica que marca o fim do Ato I.

Em contraste, no Ato II, intitulado “Catástrofes”, percebemos que as ações humanas atuam como responsáveis pelo desequilíbrio, pela dor e pelo sofrimento de outras espécies, além dela própria, por meio de vandalismos ambientais. Entre queimadas, secas e descasos com o meio ambiente, provocadas pelos humanos, há uma tentativa dos seres da natureza de procurar entender o que está havendo e a buscar uma solução para esse problema. Na cena II, do Ato II, em “Assembleia”, “Os encantos estavam tostados, maltrapilhos. Os príncipes e princesas, as feras e as sereias, os botos e os invisíveis, todos reduzidos a cinzas [...] Palestravam nervosamente numa assembleia onírica”. Nesse momento distópico de *Sobras do mundo* percebe-se um sinal de alerta e, ao mesmo tempo, um chamado para a ação, quando interpretamos a metáfora da assembleia dos seres em sofrimento, reunidos em nome da esperança em mudar o caos, agora categorizados como “um estranho grupo de refugiados”.

Esse Ato, narrado e engendrado em cenários e situações terríveis, entra em diálogo com o que Ursula Le Guin aponta como uma outra possibilidade de narrativa ficcional, segundo a qual, o protagonismo se dá a partir do que vem de dentro de nós e não das ações violentas do herói. Em seu ensaio “The carrier bag theory of fiction”, ao falar sobre ficção científica, Le Guin argumenta que esta narrativa “é uma maneira de descrever o que de fato está acontecendo [...] como as pessoas se relacionam com tudo mais nesse saco, nesta barriga do universo, neste ventre das coisas por virem a ser e nesta tumba de coisas que foram, nessa história sem fim”, e ainda afirma que “[na ficção] há espaço suficiente para manter até mesmo o Homem onde ele deveria estar, no seu lugar no esquema das coisas”¹. Segundo essa teoria, as narrativas, de ficção científica - mas também de outras ficções - precisam mudar seu foco, o fazendo incidir menos sobre grandes e violentos eventos e mais sobre como nos relacionamos com nossos parentes não humanos e o meio que nos cerca e, sobretudo, com os sentimentos, percepções e aprendizados que carregamos dentro de nós.

Forte e realista, o Ato II constrói uma crítica sobre a urgência em nos reavaliarmos enquanto espécie e a compreender que somos e estamos em uma imbricada trama na qual coexiste um sistema, de fato, multe espécies: várias

¹ Essa tradução do ensaio de Le Guin pode ser encontrada no site <https://pt.scribd.com/document/641849635/a-teoria-da-bolsa-da-ficcao-Ursula>

outras formas de ser e de estar no planeta. Esse alerta sobre um futuro distópico é, no entanto, moderado pela esperança de um desfecho melhor para o futuro. É o que pode ser encontrado no Ato III.

Intitulado “Intrusão”, este penúltimo Ato nos traz como cenário a imagem criada por Gandara de um “Cerrado cósmico”, além de um princípio de esperança no texto de Fernandes, que o intitula “Parábola de Gaia”. Aliás, esperança, sensualidade e realismo marcam esse Ato, no qual os afetos e as parcerias surgem como respostas ao impulso distópico que o antecederam, mesmo mantendo um realismo presente nesses encontros entre simbioses, desejos e trocas. É o que acontece quando as narrativas avançam, ora descrevendo a necessidade de se agarrar à vida, frágil e fracamente pulsante, ora pormenorizando a coreografia da fome em uma dança sensual e inevitável. Nesse ato performático e sedutor, caça e caçadora se deixam seduzir pelo jogo da fome e o do desejo da entrega.

As relações de troca vão finalizar o último Ato deste livro, fechando as narrativas percorridas até agora, com um belo exemplo de parceria e convívio entre espécies. A primeira cena do Ato IV, “Comensais”, nos leva para o dorso de um animal (um boi ou um cavalo), o qual passa a ser um grande arado para o pássaro que ali pousa e busca, entre uma densa pelagem, o seu alimento. Logo percebemos que o que acontece ali é muito mais do que uma caçada a carrapatos inchados e desprevenidos. Há, de fato, ao longo das horas do dia, uma parceria perfeitamente equilibrada entre o animal, que alimenta com o seu sangue o carrapato, o carrapato que alimenta o pássaro, e o pássaro que, além de livrar o animal dos carrapatos e alimentar-se com isso, também os alimenta com o carinho de sua companhia: “Assim passavam as horas mais quentes do dia, repousando em posições variadas, virando-se de um lado para o outro, em busca de comida e paz de espírito. Dançavam entre si, previam movimentos, articulavam alternativas, cuidavam e amavam. Viam-se; fundiam-se”.

Com efeito, é esse inabalável ciclo da vida – e a consciência dele – que a última cena do Ato IV apresenta-se. Ao presenciar sua companheira dando luz a novas vidas, um cão percebe - por meio de uma repentina realização filosófica - sua própria constituição ontológica na figura de sua parceira, enquanto esta é soterrada por uma jovem ninhada. Para o cão, a figura da mãe/companheira, de repente, lançou luz sobre a compreensão de que a vida flui, desenrola-se em gerações e afetos, e segue em paz, deixando conosco sobras da memória, da história das vivências que, como em uma grande colcha, vão criando suas tramas, suas tessituras, seus textos até, enfim, a vida anunciar o cair das cortinas.

Sobras do mundo é isso, costuras de belas imagens que são alinhavadas com pinturas e textos, nos provocando sensações de afeto pelos outros (humanos e não humanos), de dor (por estarmos vivendo um vandalismo da natureza),

mas também de esperança em um dia nos tornarmos, de verdade, versados e versadas nas coisas da natureza. De criarmos parentescos e refúgios, como sabiamente nos indica Donna Haraway, e reconfigurarmos nossas narrativas para serem mais sobre o que guardamos e apreendemos do mundo e menos sobre ações violentas que desconfiguram esse que é nosso mundo, mas também a casa de várias outras espécies.

Marcus Matias,, Maceió/AL

Esta é uma obra de encontros. O primeiro - e o mais feliz - foi com o brilhante Lemuel Gandara, artista plástico, cineasta, professor, doutor em Literatura, colega de trabalho e amigo de vida. Nossa parceria iniciou-se há sete anos. Durante esse tempo, nos conhecemos e nos reconhecemos como artistas e como intelectuais dispostos a falar sobre nosso tempo, dispostos a nos imiscuir em tantas fractalidades que nossas vivências nos possibilitam. Foram inumeráveis conversas sobre arte, conhecimento, ciência, além de compartilhamentos de sentimentos, traumas e conquistas. Assim, este livro é uma ode à amizade, uma síntese de parte daquilo que nos tem unido.

Para além desse magnífico encontro, há outros. Nos entrecruzamentos - ou melhor, nas encruzilhadas -, entre a Antropologia e a Arte, deixei-me levar, deixei-me transformar. Permiti que as inquietações da pesquisa científica pudessem encontrar vazão em expressões outras: livres em seus formatos, inovadoras em seu alcance epistemológico e amplificadoras em seus discursos e diálogos.

O projeto de pesquisa sobre Antropoceno - nova época geológica decorrente das transformações antrópicas na Terra - e os conhecimentos e vivências dos povos indígenas em torno dessa questão geraram uma série de reflexões sobre os desdobramentos do que se convencionou chamar de mudanças climáticas e o futuro das espécies do Sistema Terra. Pensadores como Bruno Latour, Anna Tsing, Isabelle Stengers, Donna Haraway, Ailton Krenak, Davi Kopenawa, Antonio Bispo dos Santos, Eduardo Viveiros de Castro, Ursula Le Guin e Daniel Munduruku foram fundamentais para o aprofundamento dessas questões; e me inspiraram a utilizar a literatura para falar daquilo que muitas vezes não conseguimos sequer sonhar - um outro mundo possível. Aliás, imaginar outros modos de existência que não passem pelo modelo econômico desenvolvimentista e supressor de biomas é, para a grande maioria das pessoas, uma tarefa impossível ou um simples retorno a um passado analógico. Precisamos que essa tarefa seja possível. Precisamos construir juntos um futuro.

Foi pensando nessa necessidade de colocar o tema em debate, visível e legível para o maior número de pessoas, que Lemuel e eu nos cadastramos para exposição no Festival de Artes do Instituto Federal de Goiás, em 2023, com a exposição *Sobras do Mundo*, que contava com cinco obras de Gandara (*Inação*, *Combustão*, *Cerrado Cósmico*, *Vínculos* e *Portal*) e cinco contos meus (*Rastros*, *Limpeza*, *Parábola de Gaia*, *Comensais* e *Esperança*). A alegria de nos vermos juntos em um trabalho que nos motiva e instiga, aliado ao fato de que acreditamos profundamente que a capacidade de sonhar e construir outros mundos - e, principalmente, que esse fazer seja coletivo e inclusivo - nos fez sonhar também com a publicação deste livro, que conta com, além das obras

da exposição, com mais quatorze novos trabalhos, sete pinturas e sete contos.

Este livro não traz respostas, obviamente. Antes, traz um chamado, um apelo esperançoso por um recomeço.

Janaína Fernandes

| | |
|--|-----------|
| PRIMEIRO ATO - SOMOS..... | 1 |
| Inação..... | 2 |
| Rastros..... | 3 |
| Pulsão..... | 4 |
| Roça..... | 5 |
| Nervus..... | 6 |
| Banalidades..... | 7 |
| SEGUNDO ATO - CATÁSTROFES | 8 |
| Combustão..... | 9 |
| Limpeza..... | 10 |
| Seca Noturna..... | 11 |
| Assembleia..... | 12 |
| Rio do Esquecimento..... | 13 |
| Doce Esquecimento..... | 14 |
| TERCEIRO ATO - A INTRUSÃO | 15 |
| Cerrado Cósmico..... | 16 |
| Parábola de Gaia..... | 17 |
| H ₂ OHg..... | 18 |
| Sedução..... | 19 |
| QUARTO ATO - SOMOS..... | 20 |
| Vínculos..... | 21 |
| Comensais..... | 22 |
| Instinto..... | 23 |
| A história dos cães..... | 24 |
| Folha..... | 25 |
| Gangorra..... | 26 |
| Portal..... | 27 |
| Esperança..... | 28 |
| POSFÁCIO | 29 |
| SOBRE OS AUTORES | 32 |

PRIMEIRO ATO - SOMOS



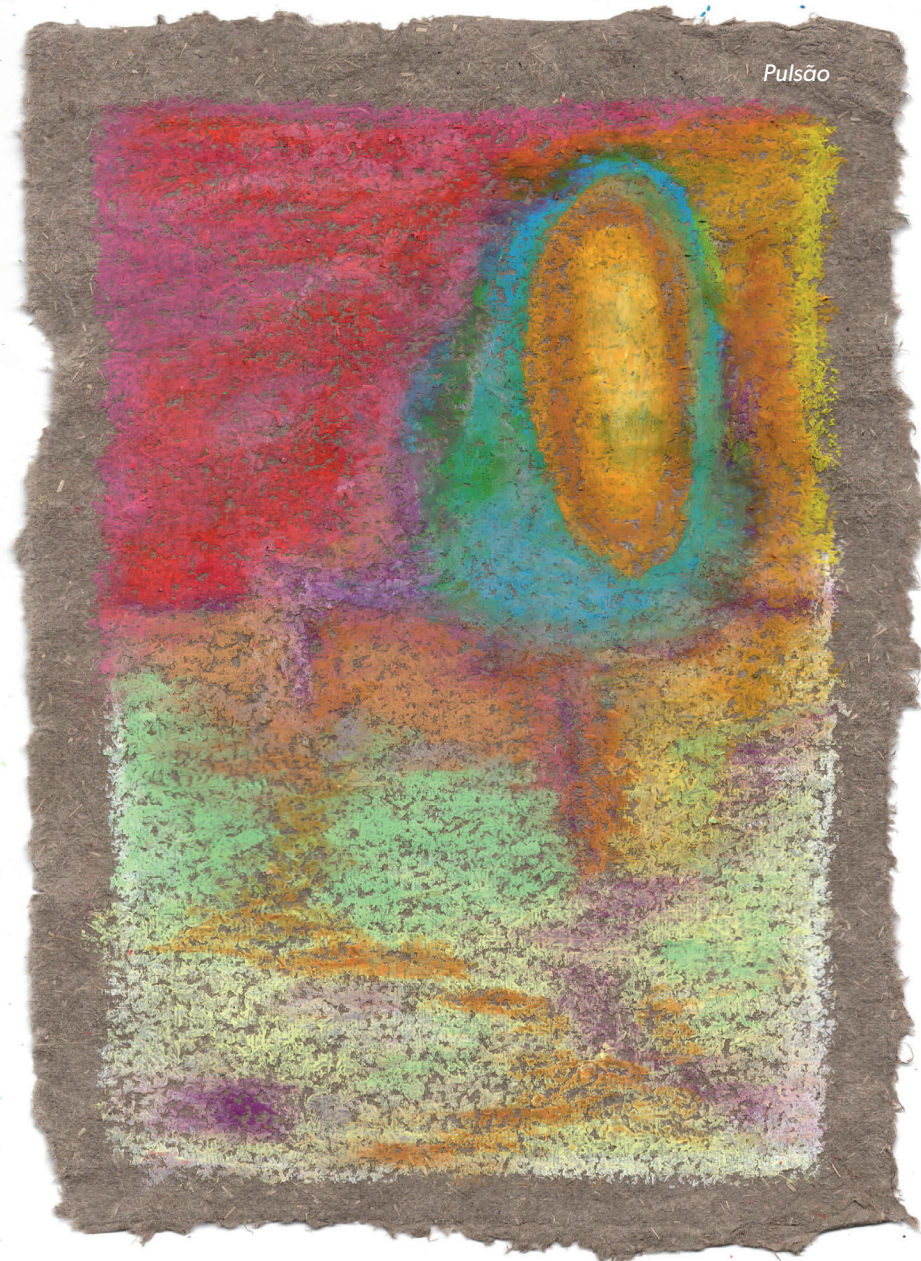
RASTROS

Caminhavam, errantes, pelas sobras de mundo. A terra agarrava-se a unhas e dedos, amorenando a pele já escura, cor ancestral. Os tons fechados são os mais propensos a se entranhar no rubro dos solos, na palidez das areias, nas pedras furta-cores, nos jogos de cena das águas. São corpos que deixam-se pintar, deixam-se ser terra, mesmo que sobra, resquício, resto de terra. Fincavam seus pés no chão com tanto contentamento que das sobras fizeram o mundo todo, modelaram-no. Mas, ao contrário daquele deus, que moldou uma imagem imperfeita de si mesmo, modelaram a imperfeição outra, tornando-a perfeita, impossível de ser contida em geometrias lineares.

De tanto caminhar, feriram pés e terra; feridas doces que acalentam horizontes. E ao rubor das faces castigadas pelo calor da caminhada, somavam-se o escarlate do sangue que regava o solo vermelho, aguardando por tornar-se útero. Magoavam pés, magoavam terra, magoavam faces. Magoavam e modelavam.

Ah, redoma uterina de entes, eles só queriam caminhar com pés doloridos de sangue, seiva e néctar.

Pulsão

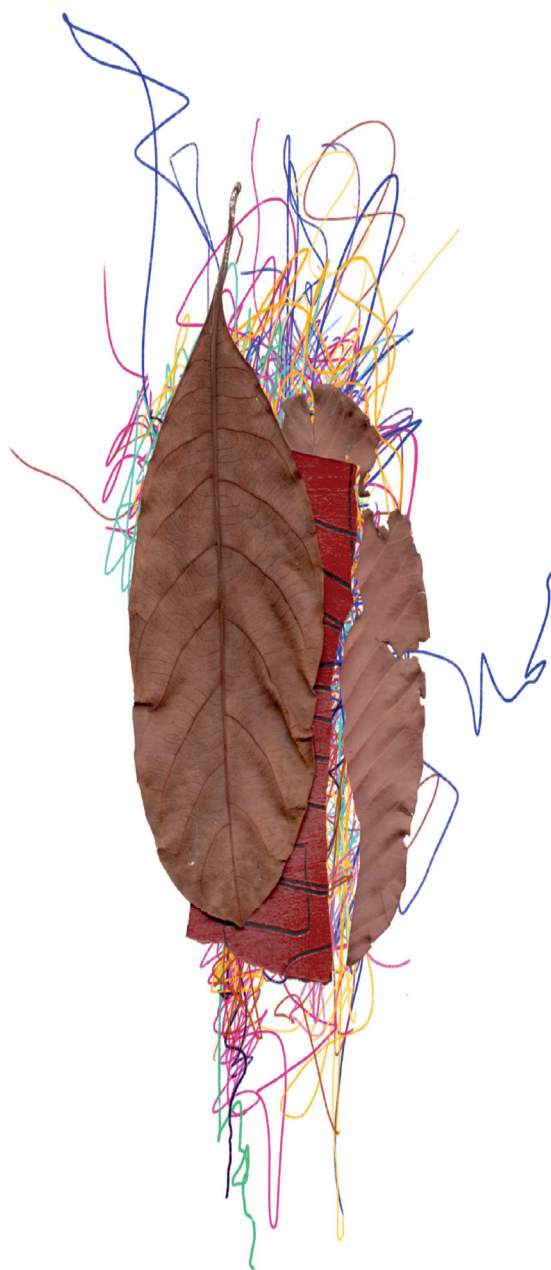


ROÇA

Na pele, um frescor de rio e sombras de folhas largas. O espírito estava vivo, alerta ao imediato, sem passado e sem futuro. O riso era fácil. Os olhos margeavam o entorno de verde denso, de solo forrado por uma infinidade de espíritos, tão vivos quanto o seu. Consequia sentir o doce cheiro dos seus mênstruos. Entre grossos troncos, via teias de aranha e a emanção de seus sonhos de aranha. Formigas, mosquitos e abelhas perambulavam por folhas secas, agitavam-se em orquestra. Ela ouvia sua música.

Seguia com o corpo coberto de jenipapo, o ventre recheado de gente, os seios fartos de leite. Chegou cantando para suas filhas batatas. De dentro de si, o filho - o da barriga - agitava-se ao sentir a presença das irmãs. A voz da mãe, escoando no jardim-berçário e o no jardim-útero, fazia os espíritos dançarem, felizes.

As mãos tocaram o ventre. O ar da floresta, parado e quente, era o lado de fora e de dentro. Aquelas mãos eram tudo o que separava o externo do interno. Mãos de mãe que conseguem omitir essa passagem. Mãos de mãe, que retiram seus bebês da barriga e mantêm-se útero para sempre, são as mesmas mãos de mãe que retiram batatas da terra. Batatas felizes pela música e pelas mãos.



Nervus

BANALIDADES

O besouro sobrevoava flores quando acelerou sua descida e tombou verticalmente no solo. Prostrado, entregou-se à terra. Juntou-se à infinidade de células em transformação, depositadas no solo úmido. Uma borboleta laranja piscava suas asas por ali. Transformou besouro em borboleta. Uma minhoca arejava a terra. Transformou besouro em minhoca. Um grupo disciplinado de formigas marchava. Transformaram besouro em formigueiro. Um pássaro testava galhos. Transformou besouro em ninho.

E o besouro, que já era tanto, tornou-se mais, deixando de ser besouro. Tornou-se mais que besouro, um além-besouro. Metamorfoseou-se. Transgrediu o inequívoco. Equivocou a unicidade. Borboletas, minhocas, formigas e pássaros seguem sendo borboletas, minhocas, formigas, pássaros e besouros caídos e folhas secas e terra úmida. E quem terá a coragem de imaginar a vida como uma longa estrada, linear e ascendente (ou decadente)? Quem será capaz de ver-se fora dos outros?

SEGUNDO ATO - CATÁSTROFES



Combustão

LIMPEZA

De ora-pro-nobis para limoeiros, elas planavam. Beijavam flores, sentavam-se para trabalhar o pólen. Vinham em grupos fortes, bravas, corajosas, destemidas. A aventura diária dos campos ressequidos do Cerrado era travada entre espinhos e calangos linguarudos que se escondiam em cascas grossas de arvoredos.

Após tanto planar pelos sertões e quentes savanas, melindrosas, encontraram um deserto dourado, sem pólen, sem mel, sem calangos, sem espinhos, sem cheiro, sem descanso: uma grande massa do mesmo. O campo se alongava para além do horizonte, a mesma tonalidade - tão sublime, tão plástica. Como habitués da vida que viviam, descreveram aquele cenário para si mesmas como uma grande ausência. Miséria!

Na entrada, uma placa de proibido. - Elas não liam. Em volta, cercas de arame farpado - que não as continham.

Uma vez tendo adentrado o deserto, seguiam sós até verem-se imersas no ouro estéril - ilhadas, expropriadas, desterritorializadas da realeza do cerrado, perdendo-se até que, do enxame restar miseráveis unidades, sombras dos insetos que foram.

A solidão mortal do monolítico: o Um da massa, onipresente, devorava, em ondas, ora-pro-nobis, limoeiros e colmeias. Avançava e eternizava a morte. Elas, fortes, bravas, corajosas e destemidas são corpos sem espírito que a terra rejeita.

O tapete dourado aplainava o mundo.



Seca Noturna

ASSEMBLEIA

O pântano virara carvão. Os encantos estavam tostados, maltrapilhos. Os príncipes e princesas, as feras e as sereias, os botos e os invisíveis, todos reduzidos a cinzas. Bruxas sem cabeça mosqueadas, lobisomens reduzidos a coiotes - sua pelagem asquerosa agora mal protegia o visco da pele. Palestravam nervosamente numa assembleia onírica.

O pântano atingido pelo fogo. O fogo atingido pelo capim. O capim atingido pela cerca. E a cerca - essa desencantadora de mundos - espanta todos os espíritos - tangíveis e intangíveis. Ela não tem ancestral, estende-se apenas a um futuro incerto. Ela quer conter a terra - contingente; mas encerra o vazio da praticidade oca. Ela espirra os espíritos, expulsa os encantados, e sai mordiscando qualquer coisa que lhe pareça útil - o que, obviamente, não incluía encantos, avessos que são às causalidades da vida mapeada por cercas.

A assembleia seguia. O lobisomem uivava de dor. A bruxa sem cabeça nada dizia, posto que tinha perdido sua boca. As sereias e os botos debatiam-se no solo preto, asfixiados de fumaça. Os príncipes, em trajes rotos, convenciam os outros que deveriam ir embora. Ali não podia ser mais sua morada.

Um estranho grupo de refugiados.

Rio do Esquecimento



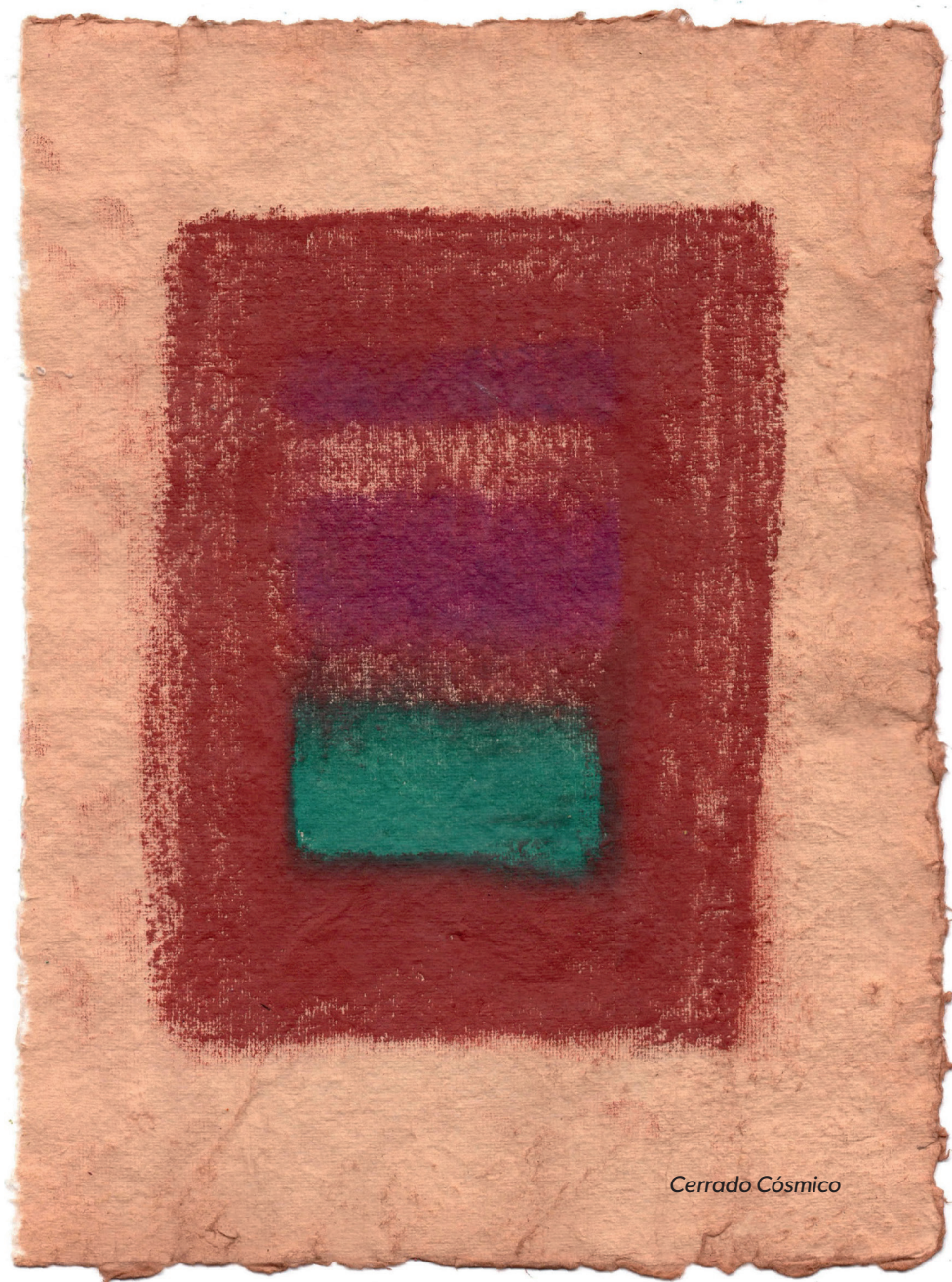
DOCE ESQUECIMENTO

Dono dos peixes, das algas, das sereias, das cachoeiras, das pedras e da areia. Dono do mundo, de águas escuras e profundas. Cidades foram erguidas em seu território, dimensões outras de existência, intangíveis, inacessíveis mundos, mundos outros - descrição do indescritível. Pessoas nasceram, morreram, depois voltaram a nascer. Estrangeiros vinham beber suas águas. Árvores sugavam sua umidade para depois sombrear-lhe as margens. O prazer de suas curvas sensuais, remanso fervilhante, envolvia os corpos que deixavam-se ser tragados, que desejavam sua pujança, que desejavam, sobretudo, os mundos escondidos sob suas águas.

A lama veio como um cometa. Petrificou o horror. Cidades soterradas pelo veneno. Foi o fim da história. Ninguém mais deixaria-se ser tragado. Nenhum outro se aproximaria - afinal, não há mais prazer, não há mais corpo, não há mais amor.

Todas aquelas histórias - sempre vividas, jamais contadas - esvaíram-se na lama. Quem era antes dono do mundo, segue sozinho no leito estéril.

TERCEIRO ATO - A INTRUSÃO



Cerrado Cósmico

PARÁBOLA DE GAIA

Transplantava-se um coração. O corpo estava deitado a mesa de cirurgia. Frágil e oco, limítrofe entre o que era e a não existência, a matéria cinza e fria. Mas o corpo sem o órgão resistiu. O corpo há de resistir. Os médicos, artesãos tecnológicos, apressadamente, acoplaram o novo coração.

Durante alguns segundos, breves e tensos milésimos de segundos, a sala permaneceu no mais absoluto silêncio. Respirações foram pausadas até que o frequencímetro voltasse a marcar o ritmo.

O corpo viveu. O corpo há de viver. O coração retirado tornou-se lixo hospitalar.



SEDUÇÃO

Patas leves como plumas pisavam sorradeiras o solo duro dos sertões. O corpo levemente arqueado detinha-se, pronto para a batalha dos estômagos infelizes: o murmurar grosso das entranhas acompanhava o lento ritmo da caça. Sedução, uma jogatina selvagem, desafiadora de desejos, é a ferramenta provedora de fêmeas, daquelas que permitem, que concedem, que deixam-se ser abastecidas por algo além de si. A caça é cortejada até entregar-se. As patas-plumas - emplumadas de beleza vaidosa, masculina beleza da sedução - reinavam pelos sertões, soberanas em seu harém de donzelas seduzidas.

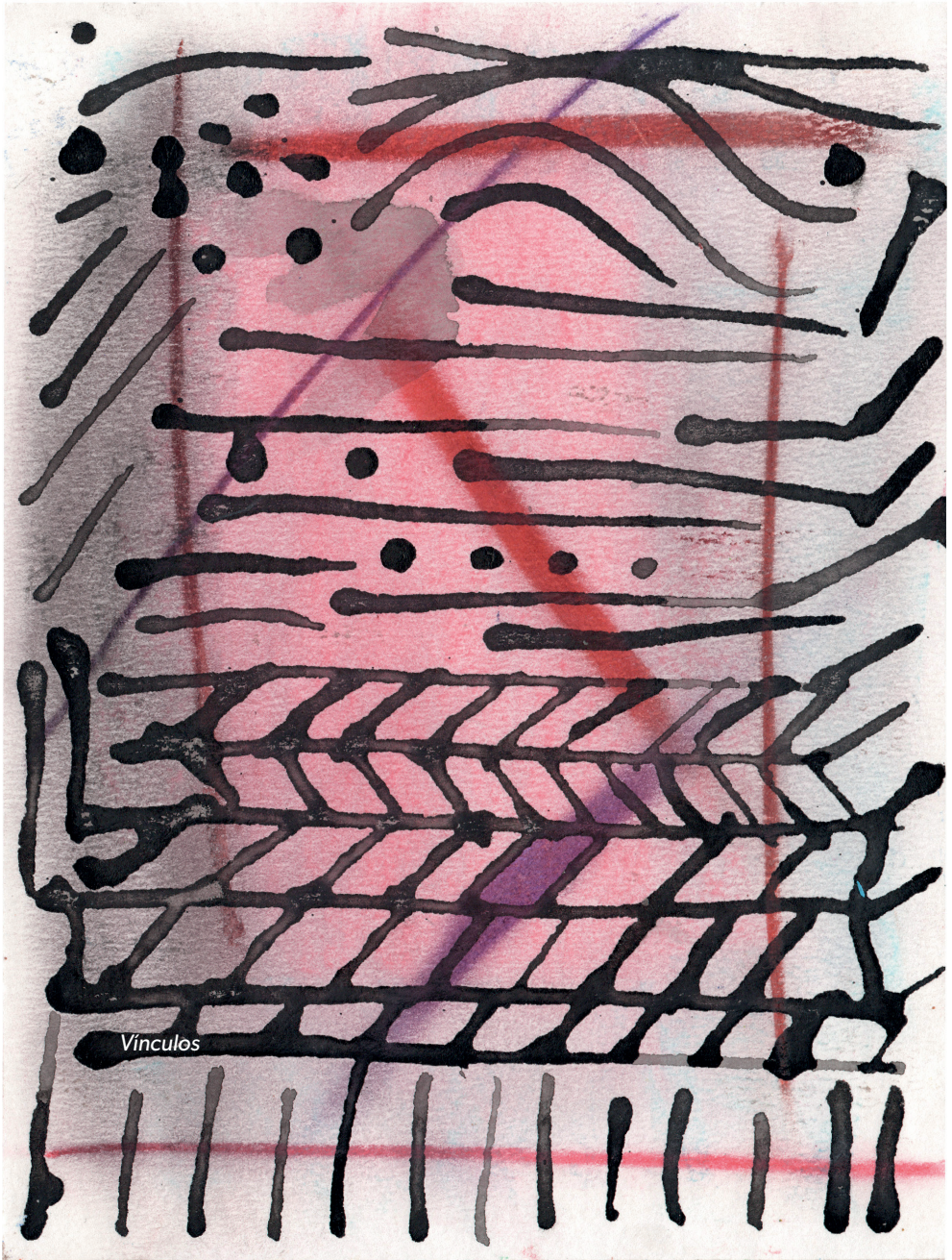
Quando, enfim, um porco-selvagem foi enredado na fagócita teia, muitos - eu mesma me incluo - renderam-lhe lacrimosa consternação. Maldito sedutor! Às favas estômagos e filhotes felinos. Às favas a solidão soberana das patas emplumadas. Compreendo, é claro, a dinâmica da vida. Mas lamentavelmente deixei-me levar pelo maniqueísmo arbitrário da ética duvidosa que governa uma visão de mundo tão estreita que é incapaz de ver o desejo de ser seduzido nos olhos do porco selvagem.

O bem e o mal só existem quando nos egocentramos, quando nos tornamos seres incapazes de serem seduzidos, quando relutamos em nos deixar ser fagocitados.

Reajustemos a rota.

Bendita terra sedutora, seduz-me e me entrego tal qual um porco selvagem, tal qual uma fêmea desejosa de ser envolta, de ser consumida.

QUARTO ATO - SOMOS



COMENSAIS

Ele tinha o dorso do outro como mesa de jantar. Fazia sobrevôos curtos de um canto a outro e pousava com suas perninhas finas na pelagem espessa. Seus dedinhos de pássaro, carinhosos dedinhos, eram o toque do amor, fraternal amor, íntimo amor. Os carrapatos, inchados e já fartos, deixavam-se devorar. A pelagem espessa agradecia pelo livramento enquanto ruminava os verdes dos campos.

Assim passavam as horas mais quentes do dia, repousando em posições variadas, virando-se de um lado para o outro, em busca de comida e paz de espírito. Dançavam entre si, previam movimentos, articulavam alternativas, cuidavam e amavam. Viam-se; fundiam-se.

Quando o sol baixava, separavam-se. Iam encontrar-se com os seus. Na alma, certezas haviam sido quebradas.



A HISTÓRIA DOS CÃES

Ele olhava a cadela parir. Observava, em choque, seus olhos de dor e cansaço. Já havia tentado se aproximar, no afã de farejar os filhotes rebentos. Mas ela havia lhe mostrado os dentes, vigorosa na imposição do distanciamento. Ele espiava então de longe: o estouro da placenta, o sangue que corria pela terra, as mordidas destruidoras do cordão umbilical. Ela sabia exatamente o que devia fazer.

As pelotas peludas e cegas arrastavam-se até as tetas inchadas, prontas a sugar por suas frágeis vidas.

Ele olhava a cadela parir e deu-se conta de que já fora filhote, já fora expelido com dor e cansaço, que placentas e cordões umbilicais já foram-lhe retirados por dentes cuidadosos de mãe.

Ele olhava a cadela pari-lo, e parir sua mãe, e parir seus filhotes e os filhotes de seus filhotes. Até que, de repente, o tempo não fez mais sentido. Aquela cadela era toda a história.

Ele olhou a cadela parir e seguiu em paz.



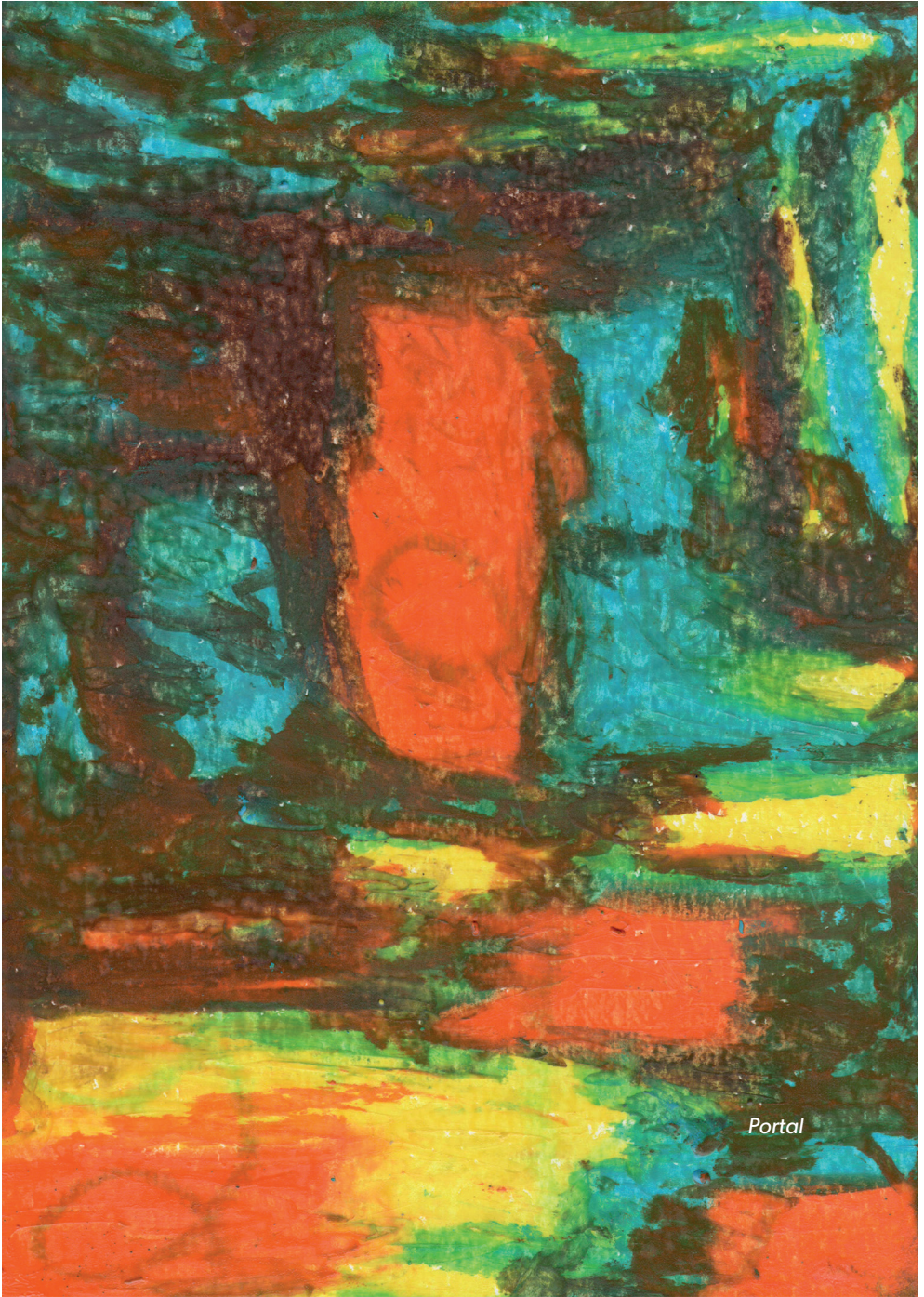
Folha

GANGORRA

Rios, florestas, montanhas, oceanos, planícies, sedimentados fartamente no que há de mais concreto: a esfera azul que abriga o mundo. Repousa nela a solidez do perene, enquanto ela mantém a capacidade de fervilhar em transformações físicas e químicas. Nela, a eternidade é só uma consequência da finitude de tudo o que já foi, o que é e o que pode ser.

Duas crianças brincam na gangorra da praça. Pode-se ouvir suas risadas. A diversão está no subir e descer: a alternância entre sentir os pés fixos no chão e a elevação momentânea, dependente do peso do outro. De repente, a gangorra para a meio caminho, sem subir ou descer. As crianças entreolham-se, mexem-se e o movimento retorna, abundante e jocoso.

A gangorra da praça, situada em algum lugar do planeta azul, faz rir crianças e ri-se, ela mesma, quando em torno de si, aglomeram pessoas que anseiam por seu movimento. O planeta azul, na impermanência do perene, permite gangorras e crianças.



Portal

ESPERANÇA

Sem casas, sem moradas, sem refúgios. Refugiados das misérias e ausências. Seria um fim por demais triste para alguém que almeja a felicidade. Refúgios são os próprios refugiados.

Quando não houver mais casas, há de ter parentes. Há de ter rastros diversos marcando a terra, há de ter batatas e suas mães, há de ter besouros e porcos selvagens sendo seduzidos por bravos guerreiros, há de ter aqueles que partilham a mesa - ou tornam-se a mesa -, há de ter cadelas parideiras que enganam a história, há de ter a convicção de que nos aliamos a tudo o que está fora de nós.

Recomeçaremos a pisar a terra, marcando-a com nosso sangue. Lançaremos gritos que se espalharão em ondas subversivas nas sobras de nós. Deixaremos-nos pintar pelas cores do mundo. Seremos abraçados em ruas tortas e estreitas, numa comunidade de divergentes, parentes não-homólogos.

Recomeçaremos.

Geopoesia das sombras: *Sobras do mundo, mundo vasto mundo*

Augusto Niemar

tirar a força da coisas
para vê-las
tirar a sombra da pedra
para ver a pedra
tirar o cadarço do sapato
para enxergar os rastros
tirar o sujo do lixo
para ver o uso
tirar o tempo do relógio
e respirar os sentidos
tirar o sangue do pulso
para ver o dentro do dentro
tirar o canto do pássaro
para ver a noite
tirar a noite de mim
para ser as coisas

(A. Rodrigues, Onde as ruas não têm nome)

Sobras do mundo não deixa sobras. Pelo contrário constrói um mundo pleno.

A aproximação entre a pintura de Lemuel Gandara e escritura de Janaina Fernandes, entre pinceladas e letras estilizadas, entre as palavras e as coisas-imagens enformam esse mundo uterino, visceral, parabólico.

Há uma relação entre o colo, o culto e a cultura nos contos de Janaina. O colo é o ventre materno, é ventre-centro da escritaria, que está sempre na companhia dessa presença filial do ato de gerar, de carregar, de deixar ir pro mundo – um livro, às vezes, uma criança. Janaina Fernandes habita um mundo arcaico e que também é lavoura, como no conto de fundação-abertura - “Rastros”: “Fincavam seus pés no chão com tanto contentamento que das sobras fizeram o mundo todo, modelaram-no.” Como André (na pele de Selton Melo) que revolve folhas de “Nervus” e a “Folha” (pintura) chã de giz-de-cera e linhas e densidades) de Lemuel Gandara. Enquanto Ana dança em convulsão convocando a revolução, Lemuel Pinta em *resolução*. Move-se entre a lavoura arcaica e cores de Almodóvar. O encontro da imagem e da palavra, neste livros evoca convulsões,

erupções, tormentas para um mundo (*Geo/Gwaya*) que nasce constantemente. As páginas digitais convocam o olhador (leitor e observador) para uma vida que surge em metamorfose constante, para um tempo que passa e não passa – posto que é parte de tudo em agora e ao mesmo, mesmo que diferente instante.

Sobras do mundo surge para a criação de um novo tempo chamado vida. Essa vida que insiste sobreviver a cada “Combustão”. É exatamente esse movimento torto, gauche, que encontro nesse encontro de artes: como as árvores do Cerrado que tem sua combustão natural. Essas sobras e sombras do mundo, de um vasto vasto mundo que nos levam ao enfrentamento desse fogo profundo que arrasta seres, imagens, tintas, palavras, pessoas.

Mas o fogo da “Seca” arrasta, mas não mata: é um fogo vital entre árvores ancestrais, árvores tortas como as pernas de Chaplin, árvores que vem sendo criminosamente incineradas e arrancadas sem deixar nenhuma sobra do mundo: “A solidão mortal do monolítico: o Um da massa, onipresente, devorava, em ondas, ora-pro-nobis, limoeiros e colmeias”. Na “Limpeza” essa solidão da monocultura, sem insetos, sem dejetos, sem nada mata o arcaico com a “Miséria” da lavoura monocultora – sem culto, sem cultura, se colo.

O culto à imagem da terra (como a terracota de “Inação”) que atravessa essas pequenas sobras da vida (na mesma paleta de “Cerrado Cósmico”). Imagens e textos que são de chão forrado de jenipapo, pele forrada de tinta de jenipapo para o ritual da escrita... Essa mesma tinta natural, colhida do colo da Terra espraia-se na movimentação do texto para a tela “Inação”. Essa terracota movimenta o amarelo-jenipapo com as folhas dessa lavoura arcaizante e fluxos profundos (memória de ventre tinto de) sangue.

A sobra do mundo - que pulsa – de Lemuel Gandara bate sessenta pinceladas por segundo e suas tintas dançam como Baryshnikov dançando ao som percussivo do seu coração. Corações e pinceis que pulsam, que pulsam o *pulssssso* que ainda pulsa. E colho, *bewixt and between*, do “entre” e “das entranhas” as cores e os demoveres de “H20Hg”, “Vínculos” e até mesmo no “Rio do esquecimento”. Na página, dimagina, ao *lado* as palavras de Janaina Fernandes: “a se entranhar no rubro dos solos, na palidez das areias, nas pedras furta-cores, nos jogos de cena das águas”.

Esse livro é o encontro de duas Lavouras profundamente arcaicas: A de Janaina Fernandes perfura sulcos no papel para plantar palavras. Pá-lavrar, no ato de catar contas e coisas; a outra, de Lemuel Gandara vai coletando, numa “Seca Noturna”, como se sementes, sobras *Estamiras*, *laranjas mecânicas* e *chegadas*.

Recordo Peter Pan sempre correndo e voando atrás de sua sombra. É essa mesma perseguição que encontro na escritoria das sobras mundanas de Janaina Fernandes: entre o chão e a vida, entre a denúncia e a revolução pela infância, “terra sedutora” e “fêmea desejosa” uma luz que provoca uma sombra tão humana. No seu caso, sempre volta ao seu corpo que escreve pleno, pungente, lugar inventado, inscrito por escrito em livro em que não falta nada.

Em Lemuel um chiaroscuro contemporâneo se move nesse entre-lugar do *chiaro* (claro) da luz natural, da luz digital, num painel de milhares de cores e de pixels. *L'oscuro* (O escuro) barroquizante move-se nas paletas constantemente cyberdigitais em diálogo com os textos, com as próprias telas soltas nas páginas em telas líquidas e iluminadas. Cada pincelada, cada risco, cada pixel ocupa exatamente, com aquele exatidão que nos ensinou Italo Calvino, o seu lugar. Lemuel Gandara cata as sobras e numa folha qualquer faz um mundo imenso.

O livro é todo arte, parte museu do mundo, parte um museu de sobras. Rasga-se a Terra, nessa dialética de lavoura cerradeira. Cava-se como o personagem Piano (de Bernardo Élis) com as próprias mãos o solo do Cerrado. Solo para caminhar, solo para entintar, solo para escrever, solo para colorar. Esse livro é mesmo cerratense e do mundo: altiplano, inesperado, com o céu projetado em perfeição. Lemuel Gandara e Janaina Fernandes só queriam “caminhar com pés doloridos de sangue, seiva e néctar”. Afagaram a terra e colheram dela o milagre do belo. Mas o belo possível em nossa época, em nossa região (Cerrado) tão afetada pela destruição dos homens e tão *reexistida* pelo nascer de novos filhos, filhas e artistas da terra.

Como os coveiros de Hamlet minha pá lavrou com arado torto essa horta presente aos olhos das leitoras e leitores, observantes e observadores. Colho neste posfácio, por ser um anjo torto, cuidando da terra-livro, com meu arado torto a seiva futura de visitas futuras desse livro-museu, galeria-contos, telas-cantos...

Geopoesia, todos sabem, significa, no sentido da raizama o encontro da Terra com o fazer artístico (*poesia*). Originalmente “Geo” advém do grego Gaya, Geya, também homônimo da Deusa que repretava o nosso Planeta. Mas, na raizama, seguindo as “raízes do Brasil” e os rizomas de um “mundo mundo vasto mundo”, como dizia Drummond temos a origem etimológica de Gwaya. Gwaya significa contar histórias. Então, a palavra que vai dar nome ao estado de Goiás, e a um possível povo que teria vivido na região Centro-Oeste também nomeia a capital do estado Goiânia. A bem dizer, na geopoesia, gwyânia, significa “cidade dos contadores de histórias. Este livro, portanto alcança a vastidão e espalha-se em raizamas.

Sobras do mundo nos ensina que ser artista é uma ação de utilidade pública. Tece provocações nas tessituras das linhas dos textos e das imagens. Cada díptico (texto-pintura, pintura-texto) provoca, invoca, evoca modos de ser e estar no mundo, modos de fazer: nesse mundo de sobras é preciso fazer o gesto, dizer a palavra, pintar a tela, contar a história. Ninguém diante dessa sombra do mundo dirá a última palavra. Portanto esse prefácio é uma abertura, uma resposta, uma verdadeira pergunta-resto para um livro tão respondente. Esse pequeno texto é uma pequena sobra de *Sobras do mundo*.

(Brasília/Manaus)







JANAÍNA FERNANDES - é escritora, doutora em Antropologia e professora do Instituto Federal de Goiás, campus Formosa. Realiza pesquisas na área de Etnologia Indígena, tendo realizado extensa pesquisa de campo junto ao povo Tremembé, no Estado do Ceará. Mais recentemente, tem se ocupado de estudos sobre emergência climática e Antropoceno.



LEMUEL GANDARA - traduz para o mundo visível a sensibilidade transcendente de cores e formas orquestradas pela arte. Suas obras são poesias visuais sinestésicas envolvidas por uma atmosfera policromática e atemporal plenas de traços sintéticos. Doutor em Literatura, pesquisador dos diálogos interartes e professor no Instituto Federal de Goiás, campus Formosa.

Sobras

do mundo

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2023

Sobras

do mundo

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

 **Atena**
Editora
Ano 2023